

SINTAXE E PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO NA LINGUAGEM

SYNTAX AND PANDEMIC: AN EXPERIENCE OF AFFECTION IN THE LANGUAGE

Marlete Sandra Diedrich¹
Marina de Oliveira²

RESUMO: Aborda-se o tema do ato narrativo como ato enunciativo, na perspectiva benvenistiana, com enfoque na relação do falante com a língua-discurso em situação particular de ensino de língua no contexto de uma turma de licenciatura em Letras, durante o ano de 2020, em plena pandemia de Covid-19. A situação particular de ensino desencadeou a produção da obra *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (2020). Pretende-se, com esse tema, refletir sobre a subjetividade no ato de narrar eventos particulares e os deslocamentos no universo da linguagem a partir desse modo de estar na língua. Estabelece-se, dessa forma, um diálogo entre os princípios enunciativos e a Linguística Aplicada, o qual permite afirmar que ato narrativo concebido como ato enunciativo revela dois deslocamentos importantes na linguagem: a relação entre o geral da língua e o particular do discurso; o poder significante da língua, capaz de fazer o mundo recomeçar ao representar o acontecimento através do ato narrativo.

Palavras-chave: Narração; enunciação; subjetividade.

ABSTRACT: The theme of the narrative act as an enunciative act is approach, in the Benvenist perspective, with a focus on the relationship between speaker and discourse in a particular situation of language teaching in the context of a class of degree in Letters, during 2020, in the middle of Covid-19 pandemic. The particular teaching situation triggered the production of the book *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (2020). With this theme, it pretends to reflect about the subjectivity in the act of narrating particular events and also about the displacements in the language from this way of being in the language. In this way, a dialogue is established between enunciative principles and the Applied Linguistics, which allows to affirm that the narrative act conceived as an enunciative act reveals two important displacements in the language: the relationship between the general of the language and the particular of the discourse; the significant power of the language, capable of making the world start again by representing the event through the narrative act.

Keywords: Narrative; enunciation; subjectivity.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem - Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - UPF.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

Introdução

Neste artigo, refletimos acerca do ato narrativo como ato de enunciação, a partir de princípios enunciativos advindos dos estudos de Émile Benveniste, autor que coloca no centro da experiência humana na linguagem a relação do falante com a língua-discurso, do que decorre a relação de subjetividade. Nosso objetivo é refletir sobre a subjetividade no ato de narrar e os deslocamentos vivenciados pelo homem a partir desse modo de estar na língua. Buscamos atingir este objetivo olhando para uma experiência de ensino de língua no contexto do Ensino Superior, mais especificamente, num curso de Licenciatura em Letras, a qual envolveu a publicação de um livro de memórias narrativas.³ Assim, propomos um diálogo entre os princípios e conceitos da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, e a Linguística Aplicada, em sua incursão pelas questões de ensino.

A temática proposta assume importância ao analisarmos a configuração do ensino de língua ao longo dos ciclos escolares e da necessidade de assumirmos o olhar para a língua em emprego, com destaque para as práticas de significação, as quais, em grande medida, se dão na sociedade, por meio de narrativas. Em nossa cultura, é comum que, desde muito cedo, a criança seja inserida na vida social por meio de pequenas narrativas que chegam até ela, primeiramente, por meio da musicalidade das cantigas de ninar; mais tarde, em ambiente escolar, são as Rodas de Conversas na escola que lhe garantem o tempo e o espaço de dizer. Quando adulto, o indivíduo continua assumindo sua condição humana na linguagem pelo modo como narra os fatos: suas realizações pessoais, seus enganos, enfim, sua constituição humana e social ao longo do tempo. No centro dessas vivências, encontra-se o ato enunciativo: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p. 82), o que leva o locutor a uma relação particular com a língua, na conversão da língua em discurso.

Nossa reflexão, portanto, encontra-se organizada da seguinte forma: num primeiro momento, apresentamos o contexto de produção das narrativas em sala de aula e a proposta de ensino de língua motivadora da ação criativa; na sequência, buscamos na reflexão benvenistiana os elementos que guiam nossa análise, a qual é apresentada logo em seguida, a partir de recortes enunciativos dos textos produzidos na proposta de ensino desenvolvida e que culminou na obra *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020). Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 O ato enunciativo na aula de Sintaxe: um breve relato

O ano letivo de 2020 iniciou, para boa parte das instituições de ensino público e privado, em fevereiro. Os alunos, então, reencontraram seus colegas e professores, e começaram a estudar novos temas e conteúdos. Porém, em março de 2020, tudo parou. A pandemia de Covid-19 obrigou a paralisação das atividades presenciais em prol da preservação da saúde e da

³ Trata-se do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo – RS e o livro publicado tem o título *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*.

vida, uma vez que o número de contágios e mortes crescia exponencialmente. Assim, quanto mais o vírus se expandia, menos se podia pensar em voltar às aulas presenciais e continuar a ver pessoalmente as pessoas queridas que, antes, encontravam-se diariamente. Nesse contexto, a disciplina de Sintaxe, do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, assim como as demais disciplinas, passou a ocorrer de forma remota. Na nova rotina de estudar e de viver, professores e estudantes “tiveram de reinventar o modo de estar em sintonia, de interagir” (DIEDRICH, 2020, p. 9). As ferramentas tecnológicas passaram a desempenhar um papel vital na reconstrução do “ambiente de ensino” e suprimiram uma necessidade imediata, garantindo que as aulas continuassem. Porém, essas mesmas tecnologias não foram e não são capazes de preencher o vazio deixado pela saudade do outro e nem tranquilizar os medos pela saúde de entes queridos. O que poderia ser feito, tanto pelos professores quanto pelos estudantes, para tentar assimilar e compreender tudo o que acontecia em suas vidas naqueles momentos de angústia?

Este questionamento impulsionou os envolvidos na disciplina de Sintaxe, levando professora e estudantes a refletirem sobre o real poder da linguagem dar um sentido à vida. Ao considerar o emprego da língua viva no ato enunciativo, assume-se o espaço e o tempo da aula de Sintaxe como possibilidade de se pensar a língua em emprego e seu poder na vida em sociedade. Assim, ao ponderar sobre o poder enunciativo da língua, “entendemos que escrever sobre nossas experiências poderia nos fazer bem” (DIEDRICH, 2020, p. 9). A proposta que se formou foi a de escrever memórias tanto sobre as experiências correntes, como o isolamento social e a pandemia, quanto sobre experiências passadas que, nos tempos de meditação no isolamento do lar, retornavam aos pensamentos numa mescla de nostalgia, tristeza e alegria. Foi dessas memórias de experiências vividas, e na tentativa de melhor compreendê-las, que os estudantes se constituíram não só analistas da língua, mas autores de enunciações muito particulares, manifestas em forma de narrativas escritas. Isso porque, no decorrer do semestre, os alunos foram inspirados a enunciar, em atos narrativos escritos, suas experiências, reais ou imaginárias, e os textos, que foram se somando, deram origem a uma obra denominada *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020).

Os variados escritos que compõem o livro representam, assim, um “esforço conjunto de aproximação das nossas vidas, das nossas vivências num mundo que parece não ser mais o mesmo” (DIEDRICH, 2020, p. 9). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020) combina memórias, contos, pequenas narrativas e poemas de mais de vinte estudantes do Curso de Letras. Experiência enunciativa que aproximou os autores da vida, dos lares, das famílias e dos amigos, no esforço de reforçar um laço que foi afetado pelo inesperado distanciamento. Escrever e conhecer mais do outro através da leitura, a nova experiência que a obra trouxe ao ser publicada e circular entre os leitores. Observar a vida do outro através do ato enunciativo escrito ajudou autores, professores e estudantes a vencer um ano de grandes temores e dificuldades. Possibilitou, ainda, o desenvolvimento de uma paixão pela Sintaxe, tida, muitas vezes, como uma das disciplinas mais difíceis do curso de Letras, como deixa claro Gabriela S. P. Martins, coordenadora do Curso de Letras em 2020, na apresentação do livro:

Nas aulas de Sintaxe, uma disciplina historicamente temida, que poderia ter sido de um caráter frio como tradicionalmente são as matérias ligadas à gramática, foram produzidos os admiráveis textos que compõem este livro. Através desses textos, conseguimos conhecer ainda mais de nossos alunos, agora escritores. Fomos além da relação de sala de aula, eventos e corredores. Visitamos o Bairro Anil, as pequenas cidades de São Domingos e Chapada, a

comunidade da “Baixada”, todos no interior do Rio Grande do Sul, nos aquecemos no fogão à lenha da Nona, relembramos inseguranças de ser aluno do Ensino Médio e as alegrias dos primeiros dias de aula do Ensino Fundamental, rimos de palavras inventadas, lemos gibis da Turma da Mônica, assistimos “O segredo dos animais”, brincamos na rua e de boneca no quarto, escutamos Beatles, até um livro escrevemos. (MARTINS, 2020, pp. 11-12).

Os textos que compõem o livro também deixam marcas memoráveis sobre a experiência humana com a linguagem. As pequenas narrativas escritas pelos estudantes-autores manifestam sua subjetividade ante ao vivido, sua experiência individual como sujeito do mundo. É justamente pelo caráter mesmo do contexto da escrita, das construções singulares e da subjetividade constituinte dos textos dos escritores que nos debruçamos sobre o livro *Sintaxe e Pandemia, uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020) como objeto de análise. Para empreender esta análise, convocamos os princípios que definem a subjetividade tal como concebida por Benveniste (1989), teórico que considera que “a língua serve para viver” e, no caso da obra em estudo, para sobreviver, quando o mundo já não é mais como o conhecemos.

2 A subjetividade

No texto *Da subjetividade da linguagem*, publicado originalmente em 1958, no *Journal de Psychologie*, Benveniste (2005) se opõe à visão da linguagem como instrumento de comunicação, uma vez que ele a vê na natureza do homem: “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (2005, p. 285). A linguagem, assim, é constitutiva do homem: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. (2005, p. 286)

Com esse olhar, o autor explicita a noção de subjetividade por ele assumida no universo dos estudos linguísticos: “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (2005, p. 286). Através dessa definição, Benveniste (2005) relaciona a subjetividade com a “unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência.” (p. 286), o que, segundo o autor, configura-se como “a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem determinada pelo *status* linguístico da ‘pessoa’”. (p. 286). Tal consciência se dá por contraste: *eu* é empregado em contraste a *tu*, implicando uma relação de reciprocidade que se dá no diálogo. No entanto, não se pode pensar numa simples relação antonímica envolvendo eu e tu, indivíduo e sociedade. Se, de fato, a subjetividade diz respeito à consciência do eu, isso só é possível numa “realidade dialética” que englobe *eu* e *tu* numa relação mútua, entendidos como formas linguísticas. Com essa concepção, o autor afirma que “eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado” (p. 288), uma vez que a linguagem permite a cada locutor apropriar-se da língua designando-se como eu. Benveniste destaca os pronomes pessoais como os primeiros reveladores de tal subjetividade na linguagem, mas não esqueçamos que ele faz referência à língua toda assumida pelo homem que fala. Vemos na produção de narrativas, mais especificamente, na produção de narrativas pessoais, marcadas por fatos particulares da vivência cotidiana de quem narra, a possibilidade de o analista da língua flagrar arranjos que evidenciam a subjetividade na linguagem, embora entendamos que ela é constitutiva, em maior ou menor expressão, da linguagem humana. As narrativas, assim,

são assumidas como ato de significação, dando evidência à presença do homem na linguagem, o que se dá sempre sob a condição de intersubjetividade, a qual torna possível a comunicação linguística: o eu emprega *eu* dirigindo-se a um *tu*, experienciando a reciprocidade do diálogo.

Dito isso, deslocamos esse conceito benvenistiano, fundamental na definição da própria linguagem, para a experiência na linguagem vivida na situação anteriormente descrita: as aulas de Sintaxe durante a pandemia de Covid-19, as quais convocam os estudantes a se apropriarem da língua e assumirem sua condição de sujeito no discurso que se configura nas narrativas do livro *Sintaxe e pandemia: uma experiência de afeto*. (DIEDRICH, 2020)

Nesse deslocamento, encontramos os estudos de Flores (2019), autor que afirma: “a enunciação, em função de sua propriedade autorreferencial, dá existência a um mundo na língua relativamente ao falante” (FLORES, 2019, p. 108). Este autor, grande conhecedor da obra benvenistiana, tem se voltado em seus estudos para o que ele nomeia “antropologia da enunciação”, entendida como “o estudo de um saber sobre o homem que advém de sua capacidade de enunciar” (FLORES, 2019, p. 246). Das reflexões do autor, apoiamo-nos no argumento de que:

O *Homo loquens*, termo que resume a proposta de uma antropologia da enunciação, não é o *Homo sapiens* - o protagonista das histórias sobre a evolução humana -, nem mesmo as representações figurativas que a linguística construiu ao longo de sua abertura à natureza discursiva da linguagem (os locutores, enunciadores, sujeitos etc.). O *Homo loquens* é constituído na linguagem, e sua natureza é feita de linguagem. Ele é sujeito por ser falante, um sujeito falante. Assim, antes de ser uma categoria da antropologia da enunciação, ele é a sua condição. Por isso, a enunciação do *Homo loquens* deixa à mostra um saber sobre a sua natureza, sobre os efeitos da presença da língua nele. (FLORES, 2019, p. 269)

A partir dessa noção, afirmamos que há um sujeito que se constitui sob os efeitos da língua mobilizada na especificidade da enunciação de suas memórias, o que, nos textos de *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020), representa a evocação de outras experiências na linguagem, as quais convocam a presença do homem na língua. Isso porque, conforme afirma Flores (2019) em sua proposta de antropologia da enunciação, o mundo que ganha existência na enunciação é o mundo na língua em relação ao falante. As vivências de linguagem, constituídas em eventos anteriores, são *re*-novadas no aqui e agora de uma nova enunciação, como veremos na seção subsequente. Salientamos ainda que, conforme amplamente explicitado nos estudos daqueles que se dedicam à obra benvenistiana, o prefixo *re*, ao se reportar à enunciação na perspectiva de Benveniste, assume um duplo valor: faz referência ao acontecimento anterior, mas também refere ao conceito de invenção, de novidade, afastando-se de qualquer concepção que possa estar relacionada à ideia de mera repetição.

3 *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* que se constitui na e pela linguagem

O homem se constitui e é constituído na/pela linguagem, e não pode fugir dela. A

relação com a linguagem é ainda mais estreita para estudantes-estudiosos das Letras. Os estudantes de Sintaxe, em geral, e os estudantes envolvidos na autoria da obra referida, em específico, são analistas reflexivos que observam como a língua funciona nos mais variados contextos e dentro dos mais variados gêneros. Eles observam fatos de linguagem a partir da apropriação da língua por parte de um locutor, o que se dá nas situações de uso, em arranjos que a sintaxe organiza. Porém, como foi dito anteriormente, as aulas remotas poderiam complexificar ainda mais o andamento da disciplina no contexto do Curso de Letras. Assim, na busca de se encontrar um caminho, em meio às ferramentas digitais de aula remota, surgiu a proposta de fazer com que os estudantes não somente observassem fenômenos de outros escritores com a língua, mas se tornassem eles mesmos os escritores de suas próprias narrativas em um livro produzido em conjunto.

Isso porque, na narrativa do evento, vive-se a experiência de locutor e sua passagem a sujeito da linguagem: a sintagmatização que dá vida à narrativa é dependente da atitude do locutor. É esta atitude que imprime à narrativa traços específicos que revelam modos de narrar constituídos por formas cujo sentido é sempre particular.

O contexto da produção do livro já foi apresentado. Voltamo-nos agora para a constituição desses sujeitos escritores e sua experiência na/pela linguagem, bem como a expressão da subjetividade e intersubjetividade nos textos escritos. Temos primeiramente um homem falante, um *Homo loquens* (FLORES, 2019), o qual, sendo estudante do curso de Letras, assume sua posição de aprendiz e também de analista da língua. Na disciplina de Sintaxe, esse *homem* é levado a refletir sobre as enunciações de um locutor e como suas escolhas e marcas subjetivas estão presentes no enunciado: marcas do sujeito, do contexto, do tempo, etc. No entanto, na proposta de ensino, o estudante foi instigado a assumir uma nova posição: a de escritor, o que só é possível via apropriação da língua no discurso, via ato enunciativo.

O *eu* escritor se constituiu a partir da proposta que os alunos escrevessem sobre si mesmos, expressassem suas experiências de vida através da língua. A língua deixa de ser somente um objeto de estudo metalinguístico, e passa a integrar a realidade viva da enunciação escrita desses autores. Constitui-se, assim, o sujeito da enunciação, advindo do ato enunciativo, conforme Flores (2013). Trata-se de um sujeito que, como um efeito semântico, emerge da sintaxe da enunciação, do ato individual de tornar a língua particular no discurso, realizando-se a relação entre o geral da língua e a singularidade do discurso.

E é assim, na assunção de sua posição de *eu* que descobrimos as experiências de Brambilla (2020) e a sua descoberta de Saussure; de Pizzatto (2020) e as histórias da nona ouvidas no calor do fogão a lenha; e, ainda, de Marinho (2020), o qual, através da narrativa sobre a sua experiência de isolamento, nos leva a perceber como o mundo mudou em tão pouco tempo em função da pandemia de Covid-19.

Cada autor assumiu, dessa forma, a tarefa de se propor enquanto *eu* de sua narrativa sobre o mundo, lembrando tempos passados e, algumas vezes, torcendo pelo futuro. E é essa capacidade de se propor como sujeito que inscreve nos textos aspectos subjetivos, marcados em arranjos singulares na língua-discurso, como vemos no recorte a seguir:

As casas, assim como os moradores, eram **simples** e **gentis**. Os moradores estavam dispostos a ajudar e, na mais divertida das ocasiões, fofocar. **Crescer foi difícil**, não pelas condições de vida, mas por **ter de abandonar a sutileza da infância e sua ingenuidade**: cheia de brincadeiras, joelho ralado e tentativas

frustradas de andar de bicicleta. (ALVES, 2020, p. 21)

Ao assumir sua posição de locutor, Alves (2020) atribui adjetivos e descrições à experiência vivida que a caracterizam do seu ponto de vista, do seu *eu*, do seu modo de estar no mundo e de estar no simbólico da linguagem. As casas, observadas por ele, são “simples” e “gentis”, enquanto para um outro poderiam ser simplesmente “modestas” ou até “pobres”. Subjetividade também marcada nas construções verbais e uso dos pronomes nas narrativas:

No segundo semestre de 2016, em uma segunda-feira com temperatura agradável, minha mãe **me deixou** na frente do portão pequeno e que precisava de uma pintura. Ao **meu caminhar** pelos corredores, as pessoas **me** notavam e cochichavam, pois percebiam que **eu era nova** naquele ambiente. **Parei** em frente à porta com os números 221, **respirei fundo** e **me** dei por conta de que não tinha mais como voltar atrás e ir correndo até minha antiga escola. (LOPES, 2020, p. 22)

Lopes (2020), em seu texto, narra a experiência do primeiro dia de aula em uma escola nova e como as coisas vão melhorando com o passar do tempo no novo ambiente. Diferentemente de Alves (2020), que utiliza verbos na terceira pessoa e no infinitivo, o que pode, num primeiro momento, parecer impor um caráter mais impessoal ao texto, Lopes (2020) assume em seus verbos a primeira pessoa do singular, responsabilizando-se integralmente pelo seu dizer que a constitui como narradora (da enunciação escrita enquanto processo) e personagem (no enunciado concreto). Os verbos “parei” e “respirei” são exemplos disso, a partir dos quais a narradora-personagem constitui sua ação na narrativa através de sua posição única de locutora.

No entanto, não queremos nos limitar neste artigo a refletir sobre marcas específicas da enunciação, porque acreditamos que a subjetividade, tal qual proposta por Benveniste (2005), revela um modo de mobilizar os arranjos da língua-discurso a partir da língua toda. Prova disso é o que vemos no recorte a seguir:

Eu estudava numa escola antiga, do distrito próximo à minha casa, que ficava no interior. Devia estar na 2ª ou 3ª série. Todo dia, o ônibus passava e, ao meio dia, **eu embarcava** para ir para a escola. Durante o trajeto, por estradas de poeira, **conversava** com meus amigos, ou **lia** alguma coisa, pelo simples fato de ver “Os Alunos Da Manhã” lendo livros. (POTRICK, 2020, p. 26)

No caso de Potrick (2020), percebemos não somente o uso explícito do pronome “eu” e de verbos conjugados na primeira pessoa do singular, ora junto do pronome e ora o suprimindo, em uma contínua demarcação de sua singularidade dentro do enunciado, mas também um centro de referência a partir deste eu: a incerteza quanto à série escolar, marcada pelo arranjo verbal; a temporalidade mobilizadora da experiência repetida no passado e evocada no presente da narrativa.

Já no caso de Carneiro (2020), é a língua e sua constituição na aquisição da linguagem da criança, a própria irmã, que ganha evidência no relato:

No momento em que estava limpando seus veículos, ela parou, pensou e disse: “sabe, quando **eu crescer, eu quero** ser ‘lavadeira’ de carro!”. **Rimos tanto pela formação da palavra, quanto pela profissão com que uma criança de 5 anos sonhara.** (CARNEIRO, 2020, p. 24)

O relato de Carneiro (2020) anuncia sua capacidade de analista da língua em emprego, colocando em evidência o que afirma Benveniste acerca da familiaridade do falante com a língua, o que possibilita ao falante tomar consciência do signo sob a espécie de palavra, caso da criança protagonista da narrativa, a qual, como explicita Benveniste (2005, p. 140), “pode não ir mais longe, tomou consciência do signo sob a espécie de palavra. Fez um início de análise linguística a partir da frase e do discurso”. Já o analista, representado aqui pela Carneiro, estudante de Letras e escritora da narrativa em questão, “tenta reconhecer os níveis de análise, é levado por uma operação inversa - partindo das unidades elementares - a fixar na frase o nível último” (BENVENISTE, 2005, p. 140). Trata-se da constituição humana na linguagem, sempre particular e responsável pela historicidade do homem falante/escrevente ou analista da língua.

Ao investigar esses e os demais textos que compõem a obra, podemos perceber que, ao narrarem suas memórias, os estudantes vivenciaram um deslocamento bastante significativo em sua constituição no mundo que os cerca, no mundo da cultura e do meio social do qual fazem parte: por meio do ato enunciativo de narrar memórias numa obra a ser publicada, vivenciaram a associação de sua caminhada no curso de Letras à sua própria experiência pessoal, muitas vezes expressando-a nas narrativas construídas. Ou, quando o curso de Letras não ocupava o espaço central, por vezes, os escritores traziam memórias de outras experiências que tiveram também como alunos, na infância, na adolescência e que faziam e fazem parte de sua constituição no presente. Ou seja, uma primeira ponderação a se fazer considerando-se as narrativas dos sujeitos autores aqui explorados é a questão de que a sala de aula, seja ela presencial ou virtual, é um espaço de experiência que marca a historicidade do ser, e que tal experiência só ganha sentido e corpo através da linguagem, na vivência da língua em emprego em situações revestidas de significação no meio social.

Mas nem só de *eu* se vive, pois se o sujeito existisse sozinho qual seria o sentido de usar a língua? Com quem? Por quê? Voltamos novamente ao projeto do livro: os estudantes escritores, protagonistas da proposta, cada um a seu modo, se constitui um *eu*, mas cada qual também é um *tu*, na reversibilidade constitutiva da linguagem. E a categoria do outro, o *tu*, em Benveniste (2005), tem especial importância para o projeto do livro *Sintaxe e pandemia, uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020). Cada um dos autores assume a tarefa, aparentemente individual, de escrever. No entanto, ao enunciar, institui o outro; neste caso, o leitor das narrativas produzidas. Assim, mesmo na escrita solitária, se pressupõe um outro que não receberá o texto de forma imparcial, mas que fará uma leitura a partir de sua própria subjetividade e historicidade, constituindo a relação de intersubjetividade *eu* (autor) e *tu* (leitor), de forma que o sentido completo do enunciado se dá na relação de dependência entre as duas categorias. Por essa razão, um trabalho aplicado de constituição de uma obra a partir de textos dos estudantes, como este aqui apresentado, envolve não apenas uma experiência na linguagem, mas muitas que se ressignificam a cada nova leitura que se faz do texto produzido.

O fato de a obra em análise observar os elementos referenciais que dizem respeito ao evento da pandemia de Covid-19, ao isolamento social decorrente, às aulas remotas, entre outros, é de especial relevância, pela significação que tais eventos assumem no meio social. Muitos dos escritos trazem referências diretas ao momento vivenciado pelos autores, seja dando

ênfase a um aspecto, como as aulas remotas, ou a outro, como o distanciamento controlado.

Mas **tudo muda**. E como muda. **Uma ameaça invisível tomou conta do mundo** e tudo teve que se reinventar. Trabalho **só em casa** (no meu caso nem isso), **faculdade só em atividades remotas** e o contato físico **não existe mais**. As jantãs deram lugar às **conversas de WhatsApp**. As gargalhadas continuaram, mas se dão **através de letras em caixa alta ou áudios muito acolhedores e às vezes meio bagaceiros**. (MARINHO, 2020, p. 43)

Minha rotina **mudou**, **por um tempo não houve horários**, os dias terminavam **entre as 3h e às 5h da manhã** e iniciavam **entre as 14h e às 15h da tarde**. Nessa desordem, a ansiedade tomou conta, começaram as enxaquecas, a falta de sono e as compulsões. (LOUZADA, 2020, p. 46)

As narrativas, neste caso, apontam para uma nova característica que impacta diretamente no contexto enunciativo de interlocução, porque temos um local e um espaço diferente: em casa, mas na reunião virtual da escola; em casa, porém na aula de Matemática; em casa, no entanto na festa de 30 da prima. O espaço passou a ser desempenhado por ambientes virtuais, modificando também as formas de referir o contexto de produção do enunciado. Um momento de transição que se marca na/pela linguagem na fluidez do tempo e do espaço? Com certeza uma marca da instabilidade vivenciada pelos autores, como vemos no recorte a seguir:

De repente, como diria Raul Seixas, “A Terra parou”. Sim, de um dia para o outro, nossos hábitos foram totalmente transformados por um inimigo invisível. A universidade ficou sem seus alunos; os bancos dos ônibus universitários, vazios; as praças, sem suas crianças; os batons tiraram férias, e, enquanto isso, as máscaras encarregam de dar cor aos rostos preocupados, desolados e conscientes. (GOLEMBIESKI, 2020, p. 56)

O homem dá sentido ao mundo em que vive por meio do simbólico, como vemos ocorrer no recorte: é a linguagem que reveste o meio de significações, o que explica todas as funções humanas. Justamente por isso Benveniste (2005) diz tão certeira: “a linguagem serve para viver”. Quando a vida do homem passa por transformações (drásticas e súbitas), é por meio da linguagem que se procuram meios de significar, até mesmo o que não se compreende. O livro *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020) é o meio que os estudantes encontraram não só de aprenderem sobre sintaxe, língua e linguagem, como também de aprender um novo modo de ser no mundo. Além de estudantes, além de autores, indivíduos que aprenderam a “sorrir com os olhos”, como retratado na obra.

Considerações Finais

Neste artigo, refletimos sobre o ato narrativo com ato enunciativo, a partir da experiência de produção e publicação da obra *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto* (DIEDRICH, 2020), no contexto de uma turma do Curso de Letras, durante a pandemia do

Covid-19. Na proposta aqui apresentada, buscamos refletir sobre a subjetividade no ato de narrar eventos particulares e os deslocamentos vivenciados pelo homem a partir desse modo de estar na língua, focalizando, em nossa análise, recortes narrativos da obra referida.

A análise empreendida nos permitiu afirmar que o ato narrativo concebido como ato enunciativo revela os seguintes deslocamentos:

- a) permite ao homem falante/escrevente realizar a *experiência repetida em detalhe*, a qual se constitui na dupla natureza da língua: social, manifestada no geral da língua; individual, manifestada nas escolhas enunciativas que dão vida aos relatos;
- b) evidencia o poder da palavra, que faz tanto com tão pouco, como se percebe na definição de narrativa proposta por Benveniste (2005, p. 31): “sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça”.

No contexto da pandemia de Covid-19, tais evidências se apresentam aos nossos olhos como potência humana, revelando na experiência de produção de narrativas a vivência do simbólico da linguagem, capaz de retomar o passado e, via discurso, representar alguma esperança de futuro no aqui-agora de um presente tão inusitado que a linguagem busca apreender.

Referências

- ALVES, L. M. L. Nas ruas do Anil. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1989
- BRABILLA, E. O dia em que Ferdinando se descobriu saussuriano. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- CARNEIRO, S. Memória escrita. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- FLORES, V. N. Sujeito da enunciação: Singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 29, n.1, pp. 95-120, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105011/000939408.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 fev 2020.
- FLORES, V. N. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis-SC, v. 19, n. 2, pp. 35-53, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/194846/001091678.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 fev 2020.

FLORES, V. N. *Problemas gerais de linguística*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

FRANÇA, G. P. Da vida sempre seremos alunos. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

GOLIEMBIESKI, G. Aprendemos a sorrir com os olhos. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

LOPES, M. L. S. Figurinha 1. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

LOUZADA, N. Rotina. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MARINHO, L. D. Memórias. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MARTINS, G. S. P. Apresentação. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PIZZATO, G. Os primeiros contos. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

POTRICK, A. Minha figurinha. In: DIEDRICH, M. (org.). *Sintaxe e Pandemia: uma experiência de afeto*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 27/04/2021